



# Comportamento autolesivo na adolescência: fatores de risco e proteção sob a perspectiva da teoria bioecológica de Bronfenbrenner

*Self-injurious behavior in adolescence: risk and protective factors from the perspective of Bronfenbrenner's bioecological theory*

Neila de Oliveira Cabral<sup>1</sup>, Daniela Vieira Malta<sup>1</sup>, Dherik Fraga Santos<sup>2</sup>, Eliane Maura Littig Milhomem de Freitas<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória/ES, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Catalão. Catalão/GO. Brasil.

<sup>3</sup> Faculdade Unida de Vitória. Vitória/ES, Brasil.

**Correspondência**  
eliane@fuv.edu.br

**Direitos autorais:**  
Copyright © 2025 Neila de Oliveira Cabral, Daniela Vieira Malta, Dherik Fraga Santos, Eliane Maura Littig Milhomem de Freitas.

**Licença:**  
Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

**Submetido:**  
18/2/2025

**Aprovado:**  
28/3/2025

**ISSN:**  
2446-5410

## RESUMO

**Introdução:** O comportamento autolesivo (CAL) em adolescentes é reconhecido globalmente como um grave problema de saúde pública que demanda atenção constante, por estar associado a doenças psiquiátricas e maior probabilidade de suicídio futuro. Identificar os fatores de risco e proteção é fundamental para conter o avanço desse fenômeno e desenvolver estratégias de enfrentamento mais eficazes. Além disso, compreender os vários aspectos biopsicossociais que influenciam a manutenção desse tipo de violência autoprovocada pode ser de extrema importância para a sua prevenção e combate. **Objetivo:** Descrever alguns fatores de risco e de proteção que influenciam o CAL, baseando-se na teoria bioecológica de Bronfenbrenner, que considera as interações complexas entre diferentes sistemas ambientais. **Métodos:** Pesquisa teórica e reflexiva, fundamentada em diálogos com obras de diversos autores da literatura científica. **Resultados:** A perspectiva ecológica não apenas amplia a compreensão do conhecimento acerca da autolesão, mas também aponta para a necessidade de intervenções multifacetadas que abordem simultaneamente os diversos níveis do ambiente social e cultural do adolescente. **Conclusão:** Esta abordagem é crucial para promover a saúde mental e o bem-estar dos jovens afetados, ressaltando a importância de intervenções precoces e adequadas.

**Palavras-chave:** Autolesão. Adolescência. Fatores de risco. Fatores de proteção. Sistemas ecológicos.

## ABSTRACT

**Introduction:** Self-injurious behavior (SIB) in adolescents is globally recognized as a serious public health issue that requires ongoing attention due to its association with psychiatric disorders and a higher likelihood of future suicide. Identifying risk and protective factors is essential to halt the progression of this phenomenon and to develop more effective coping strategies. Moreover, understanding the various biopsychosocial aspects that influence the persistence of this form of self-inflicted violence is of great importance for its prevention and intervention. **Objective:** To describe some of the risk and protective factors influencing SIB, based on Bronfenbrenner's bioecological theory, which considers the complex interactions among different environmental systems. **Methods:** A theoretical and reflective study grounded in dialogue with the works of various authors from the scientific literature. **Results:** The ecological perspective not only broadens the understanding of self-injury but also highlights the need for multifaceted interventions that address the multiple levels of adolescents' social and cultural environments. **Conclusion:** This approach is crucial for promoting mental health and well-being among affected youth, emphasizing the importance of early and appropriate interventions.

**Keywords:** Self-injury. Adolescence. Risk factors. Protective factors. Ecological systems.

## INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa fundamental no desenvolvimento humano, caracterizada como um período psicossociológico que se estende por diversos anos, marcando a transição entre a infância e a idade adulta<sup>1</sup>. Esta fase é distinguida por transformações profundas e abrangentes que afetam múltiplas dimensões da vida do indivíduo. Assim, a adolescência expressa padrões culturais e sócio históricos, sendo marcada por mudanças físicas, cognitivas, emocionais, sociais e comportamentais<sup>2</sup>. Nesse cenário, alguns indivíduos podem envolver-se em condutas potencialmente capazes de causar danos à sua saúde física e/ou mental.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência pode ser classificada, considerando as características dos perpetradores e vítimas, como autoinfligida, interpessoal ou coletiva. A violência autoinfligida por sua vez, compreende a ideação suicida, autoagressões, tentativas de suicídio e suicídios<sup>3</sup>. A autolesão é descrita por Howton, Sauders e O'Connor<sup>4</sup> como um fenômeno complexo, com grande variação quanto à nomenclatura, conceito, prevalência, origem e determinantes. Os termos mais comumente utilizados para se referir a esse comportamento incluem: automutilação, autolesão e comportamentos autolesivos<sup>1</sup>.

A autolesão não suicida (ALNS) é uma ação sem intenção consciente de suicídio, mas que pode gerar ferimentos graves. Esse comportamento correspondente ao uso intencional de força física real ou de ameaça contra si próprio e está relacionado a mecanismos de enfrentamento de emoções e, muitas vezes, é utilizado para diminuição de tensão ou alívio do sofrimento e, geralmente, está conexo com relacionamentos interpessoais negativos<sup>5</sup>. Complementando a informação anterior, Cedaro e Nascimento<sup>6</sup>, proferem que os comportamentos autolesivos mais comuns são cortes superficiais na pele, arranhões, mordidas, queimaduras, bater partes do corpo contra a parede e enfiar objetos pontiagudos no corpo.

Achados recentes como os de Almeida *et al.*<sup>7</sup>, têm demonstrado uma associação significativa entre o comportamento autolesivo e diversos fatores de risco psicossociais. Entre eles, destacam-se a de-

pressão, ansiedade, baixa autoestima, histórico de abuso sexual, dificuldades de regulação emocional e vitimização por *bullying*. Além disso, Silva e Santos<sup>8</sup> propõem que a exposição ao comportamento autolesivo de pares parece exercer um efeito de contágio, aumentando o risco de engajamento nessa prática.

Na adolescência, a autolesão se configura um fenômeno complexo e preocupante, e vem despertando a atenção da comunidade científica, especialmente dos profissionais de saúde e da educação. Definido como a prática intencional de causar danos ao próprio corpo sem intenção suicida, apresenta uma prevalência alarmante entre os jovens, variando de 10,0% a 75,9% a depender do tipo de amostra (comunitária ou clínica), aspectos geográficos, culturais e do próprio conceito dos estudos<sup>9</sup> sendo mais acentuada entre adolescentes e jovens do sexo feminino, especialmente entre os 13 e 14 anos de idade<sup>5</sup>. Contudo, é preocupante observar que uma parcela considerável de crianças com menos de 12 anos de idade já tem apresentado comportamentos autolesivos<sup>10</sup>.

No período de 2018 a 2022, dados epidemiológicos do SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) revelaram um cenário alarmante de violência autoprovocada no Brasil. Foram notificados 556.152 casos em todo o país, com uma concentração significativa na faixa etária de 15 a 19 anos, representando 21,88% do total<sup>11</sup>. Este fenômeno preocupante é corroborado por estatísticas internacionais, que indicam que cerca de 10% dos adolescentes já vivenciaram pelo menos um episódio de autolesão durante sua vida<sup>1</sup>. É importante destacar que os dados mencionados englobam tanto as lesões autoprovocadas quanto as tentativas de suicídio. Isso ocorre porque a ficha de notificação de violência autoprovocada do SINAN não faz distinção entre esses dois fenômenos.

Esse percentual expressivo destaca a vulnerabilidade dos adolescentes a comportamentos autolesivos, evidenciando a urgência de políticas públicas e intervenções direcionadas a este grupo etário. Nesse tocante, para ações mais assertivas é preciso considerar os diferentes níveis contextuais que exercem influência sobre o desenvolvimento de uma pessoa. Nesse sentido, a Teoria Bioecológica do Desenvolvi-

mento Humano (TBDH) vem colaborar por considerar o desenvolvimento humano como um processo recíproco, resultante da interação dos vários sistemas que o compõem. Assim, a transição entre cada um desses ambientes e a qualidade relacional estabelecida influenciarão o trajeto desenvolvimental<sup>12</sup>.

Nessa seara, convém refletir como esses fatores estão associados e podem influenciar os comportamentos autolesivos. Dessa forma, questiona-se: a teoria sistêmica bioecológica pode fornecer elementos relevantes no que tange a prevenção do comportamento autolesivo entre adolescentes?

O objetivo deste estudo consiste em descrever alguns fatores de risco e proteção de comportamentos autolesivos entre adolescentes, com base na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner.

Desse modo, a compreensão e análise desses dados, podem auxiliar no desenvolvimento de estratégias preventivas e de intervenção em adolescentes que apresentam tal comportamento, com vista a considerar não somente a ação em si, mas todas as influências dos processos proximais envolvidos nesses casos.

## MÉTODOS

A presente pesquisa trata de um artigo reflexivo sobre os fatores de risco e proteção de comportamentos autolesivos na adolescência, com base na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), de Bronfenbrenner. Portanto, apresenta reflexões por meio de análise de uma abordagem sistêmica e multidimensional para a compreensão deste fenômeno complexo. Desta maneira, este estudo adota uma perspectiva reflexiva ancorada no modelo PPCT (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo) de Bronfenbrenner, permitindo uma análise integrada dos diversos sistemas que influenciam o comportamento autolesivo em adolescentes. Conforme Silveira *et al.*<sup>13</sup>, tanto a pesquisa, quanto a intervenção, a partir desse modelo, tornam-se oportunidades de interações efetivas que possuem o potencial de ampliar o mundo de relações e de significados que colaborem para o desenvolvimento humano.

Por se tratar de um artigo reflexivo, não há seleção com critérios de exclusão e inclusão específicos para material bibliográfico. Os referenciais teóricos aqui utilizados, levam em consideração a abordagem do tema, independentemente do recorte temporal. A análise das fontes visou identificar os possíveis fatores associados ao comportamento autolesivo entre adolescentes, por meio dos sistemas propostos pelo teórico.

As reflexões estabelecidas neste estudo serão apresentadas em duas categorias principais: a primeira aborda a Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner; a segunda se subdivide em Fatores de risco e Fatores de proteção para o comportamento autolesivo, conforme os contextos Micro, Meso, Exo e Macrossistema.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner

Urie Bronfenbrenner instituiu uma nova forma de observar e estudar o desenvolvimento humano. Deste modo, as diversas instâncias – do indivíduo às estruturas políticas – passaram a ser vistas como parte conjunta do curso de vida do indivíduo, envolvendo tanto a criança quanto o adulto<sup>12</sup>.

Sob a luz da teoria, o desenvolvimento deve ser entendido como

Um fenômeno de continuidade e de mudança das características biopsicológicas dos seres humanos como indivíduos e grupos. Esse fenômeno se estende ao longo do ciclo de vida humano por meio das sucessivas gerações e ao longo do tempo histórico, tanto passado, quanto presente<sup>14</sup>.

O modelo bioecológico de desenvolvimento humano permite, então, compreender a interação constante e recíproca do sujeito em desenvolvimento com os sistemas – diretos e indiretos – aos quais pertence<sup>14</sup>.

A partir da compreensão do desenvolvimento humano como um fenômeno contínuo e complexo, que ocorre ao longo de todo o ciclo de vida, a teoria

vem destacar que as diversas formas de interação das pessoas não se devem apenas ao contexto em que se desenvolveram, mas também ao processo, que é definido como a relação entre o ambiente e as características da pessoa em desenvolvimento.

Como propõe Haddad<sup>15</sup>, os padrões de interação, à medida que se mantêm e evoluem ao longo do tempo, são os meios através dos quais ocorrem mudanças no comportamento e no desenvolvimento pessoal. Da mesma forma, as conexões entre as pessoas no ambiente, a natureza desses laços e sua influência direta e indireta no indivíduo em desenvolvimento também são de igual importância.

O Modelo Bioecológico propõe que o desenvolvimento humano seja compreendido por um esquema de quatro aspectos inter relacionais: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo – “Modelo PPCT”<sup>16</sup>. No caso das pesquisas em desenvolvimento humano, o modelo PPCT serve como direções e sentidos para onde o pesquisador deve lançar o “olhar” holístico e sistêmico, procurando estabelecer interações significativas com os indivíduos que integram os ambientes a serem estudados<sup>13</sup>. A partir disso, o foco passa a recair sobre o indivíduo e suas disposições do tempo e a interação entre a pessoa e o contexto<sup>17</sup>.

Sobre os aspectos inter relacionais, Silveira *et al.*<sup>13</sup>, afirma:

O *Processo* pressupõe a ênfase nos processos proximais entendidos como formas particulares de interação entre o organismo e o ambiente, que no tempo operam de formas progressivamente mais complexas; A *Pessoa* é constituída tanto por características biopsicológicas como por características construídas nos processos proximais com os ambientes; O *Contexto* compreende quatro níveis ambientais, denominados microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema; O *Tempo* refere-se às alterações e mudanças no curso de vida, às transições biológicas, ecológicas e sociais relacionadas a aspectos culturalmente estabelecidos, bem como à ocorrência de eventos históricos que influenciam a dinâmica dos processos entre pessoas e ambientes.

O terceiro componente do modelo bioecológico, o contexto, é analisado através da interação de quatro níveis ambientais, e segundo Bronfenbrenner<sup>18</sup>, estão organizados como um encaixe de estruturas concêntricas, cada uma contendo a outra, compon-

do o meio ambiente ecológico do indivíduo. As observações a seguir se darão por esses sistemas.

Aplicando esta perspectiva aos comportamentos autolesivos na adolescência, é possível examinar como diferentes sistemas ecológicos influenciam o seu surgimento e sua manutenção.

### **Microssistemas: a família e a escola**

O microssistema se refere aos ambientes que a pessoa em desenvolvimento frequenta e às relações que ela estabelece face a face<sup>18</sup>. Portanto, ambientes tais como a casa, a creche ou a escola em que a pessoa é envolvida em interações face-a-face fazem parte desse sistema.

No caso dos adolescentes que apresentam o comportamento autolesivo, embora possam existir muitas possibilidades diferentes, algumas das influências mais importantes são a família e a escola. Isto posto, no nível mais próximo ao adolescente, encontramos fatores de risco e proteção no ambiente familiar e nas relações interpessoais escolares.

Bombonati<sup>19</sup> explorou os aspectos simbólicos e sociais na prática da autolesão, examinando os efeitos psíquicos resultantes. Ao examinar os fatores sociais, como questões familiares e as relações interpessoais na escola, relacionadas à autolesão entre adolescentes, a autora destaca que ambientes hostis tanto na escola quanto em casa podem favorecer esta prática. Além disso, esses espaços sociais têm sido apontados como altamente vulneráveis no enfrentamento dessa situação nos dias atuais, quer seja pelo desconhecimento dos atores sociais presentes nesses ambientes acerca desta prática, quer seja por sua dificuldade de compreender e manejar alguma ocorrência.

A família é, na maioria das vezes, o primeiro ambiente com o qual as crianças têm contato, marcando o início do processo de socialização. Ela não apenas oferece sustento biológico, mas também transmite cuidados, afeto, padrões, valores e normas de comportamento que são assimilados pelos filhos ao longo do desenvolvimento de sua personalidade<sup>20</sup>. Deste modo, a família exerce um papel fundamental para o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, sendo sua disfun-

ção potencialmente associada aos comportamentos autolesivos.

Estudos sobre a influência da família no desenvolvimento de crianças e adolescentes, têm contemplado as diferentes configurações familiares, no entanto, Cecconello<sup>21</sup> afirma que “a estabilidade do vínculo emocional e a qualidade do relacionamento são os fatores mais importantes para o desenvolvimento positivo”. Por isso, famílias que demonstram coesão, afeto, apoio, estabilidade, e nas quais as relações são marcadas por equilíbrio de poder, cuidados adequados, senso de pertencimento e disciplina consistente têm maior probabilidade de contar com membros emocionalmente saudáveis<sup>17</sup>.

Conseqüentemente, relações alicerçadas em comunicação aberta, confiança mútua e suporte emocional atuam como fatores protetivos significativos. Em contrapartida, Sousa *et al.*<sup>22</sup> ressalta que a ausência de afeto e a presença de violência intrafamiliar estão relacionadas a um aumento no adoecimento psíquico entre os adolescentes.

A partir disso, percebe-se que experiências traumáticas na infância podem estar relacionadas aos comportamentos autolesivos (CAL). Em outras palavras, isso indica que problemas psicológicos dos pais, separação, afastamento precoce ou prolongado de um dos progenitores, além de experiências de negligência emocional, psicológica ou abuso físico, especialmente de natureza sexual, podem atuar como fatores predisponentes para a prática autolesiva<sup>1</sup>.

Da mesma forma, Moraes *et al.*<sup>4</sup> alertam que as dificuldades e conflitos na convivência parecem impactar o comportamento de autolesão dos adolescentes, pois o ato estaria associado a condições desfavoráveis no ambiente familiar. Dessa maneira, os referidos autores apontam a falta de suporte emocional; rejeição parental; rompimento da estrutura familiar; violência doméstica; bem como o uso de álcool e drogas na família como fatores que podem induzir os adolescentes a se autolesionar.

Entretanto, a disposição dos adolescentes e jovens para procurar auxílio parece estar intimamente ligada à atitude de seus pais. Especificamente, eles tendem a se mostrar mais receptivos à ajuda quando percebem que seus pais demonstram um interesse genuíno em entender suas vivências, es-

tando abertos a dialogar francamente sobre os comportamentos autolesivos<sup>23</sup>. Cabe ressaltar que, muitas vezes, a autolesão ocorre sem o conhecimento da família, que frequentemente é a última a descobrir. Quando os pais finalmente percebem, ficam alarmados e buscam ajuda profissional<sup>19</sup>.

O contexto escolar é considerado um dos espaços mais significativos na vida de adolescentes. Segundo Almeida *et al.*<sup>7</sup>, a escola exerce um papel de influência em relação às práticas autolesivas através da realidade de ações na própria instituição, bem como das condições de grupo e contágio. Nesse âmbito, resalta-se as relações que se estabelecem nesse campo, sendo o *bullying* um dos fenômenos que vêm sendo apontados na literatura como um fator precipitante para episódios de violência autoprovocada, aumentando os sintomas ansiosos e depressivos<sup>24</sup>.

Com relação ao *bullying*, Silva<sup>25</sup> o descreve como um conjunto de comportamentos agressivos, caracterizados por intencionalidade, repetitividade, ausência de motivação evidente e desequilíbrio de poder. Este tipo de violência é adotado por um ou mais estudantes contra outro(s), causando humilhação, sofrimento psíquico e físico, dor e angústia. Em decorrência disso, o *bullying* tem um impacto profundo e duradouro na saúde mental e no desenvolvimento emocional dos adolescentes que o vivenciam, resultando em conseqüências múltiplas e potencialmente graves, a exemplo da autolesão.

Em conformidade com Ferigato, Souza e Estender<sup>26</sup>, as influências mais diretas no comportamento de *bullying* entre os jovens se encontram dentro do microsistema, que é composto por indivíduos ou grupos de indivíduos em ambientes imediatos (por exemplo, casa, escola) com os quais os jovens têm interações. Sendo assim, a avaliação dos fatores de risco precisa considerar as relações pais-jovens, relações entre pares, vínculo e ambiente escolar.

Outro fator importante a se considerar quanto ao comportamento autolesivo é o efeito contágio que também parece exercer forte influência, impactando nas condutas dos adolescentes em interações escolares. Em virtude disso, Silva e Santos<sup>8</sup>, abordam que esse comportamento sofre uma espécie de contágio social e é passado de grupo em grupo, pois, além de ensinarem e aprenderem, os adoles-

centes encorajam outros indivíduos a aderirem a essa prática.

Diante do exposto, é fundamental analisar minuciosamente os contextos relacionais de quem pratica a autolesão. Embora o *bullying* no ambiente escolar seja frequentemente apontado como uma das principais causas do comportamento autolesivo, outros fatores diversos também podem desencadeá-lo, como por exemplo, o *bullying* na internet<sup>27</sup> que emerge como uma forma cruel de violência no espaço digital e exerce um impacto profundo no bem-estar psicológico e comportamental dos jovens.

### **Mesosistema: a relação família-escola**

A integração entre escola e família tem despertado o interesse dos pesquisadores, principalmente no que se refere às implicações deste envolvimento para o desenvolvimento social e cognitivo e o sucesso escolar do aluno<sup>28</sup>.

Para Roos e Truccolo<sup>29</sup>, o núcleo familiar e a escola são microsistemas por onde a criança transita levando consigo as experiências ora vivenciadas no ambiente familiar, ora vivenciadas nas interações construídas no ambiente escolar. Por isso, em consonância com Dessen e Polonia<sup>28</sup>, ambas emergem como instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social, e assim sendo, podem tanto contribuir quanto prejudicar essa evolução.

O mesossistema inclui o conjunto de microsistemas em que uma pessoa integra e descreve as inter-relações entre eles<sup>12</sup> e essas interações desempenham um papel fundamental na saúde e no desenvolvimento do adolescente, exercendo uma influência mútua e significativa no comportamento e bem-estar do jovem<sup>17</sup>, incluindo a prevenção em situações de risco.

Em termos de fatores de risco e proteção, tanto a escola quanto a família podem ser aliadas no que diz respeito às práticas de cuidado e prevenção às violências, sobretudo no caso das autolesões. Nesse sentido, é necessário que haja um diálogo constante, respeitoso e participativo entre os pais e a instituição de ensino, tendo como objetivo comum o

pleno desenvolvimento da criança, com esforços de intervenção preventiva concentrados na redução de problemas que podem contribuir para a ocorrência da autolesão.

Quando essa relação entre família e escola é harmoniosa e colaborativa, ela beneficia não só os alunos, mas também os responsáveis, os professores e a sociedade como um todo. Por isso, corroborando a ideia de Brito *et al.*<sup>30</sup>, torna-se imprescindível o estabelecimento de relações apropriadas entre ambas (família e escola), para que se crie um elo de forma a superar barreiras e desafios frente ao comportamento de autoagressão.

Não obstante, a percepção da família e do professor passou a ser vista como um movimento importante pelos adolescentes, pois ambos têm a capacidade de auxiliá-los, oferecendo suporte, apoio, acolhimento e escuta, elementos essenciais para enfrentarem o período difícil que estão vivenciando<sup>31</sup>. Mas para que o auxílio seja possível, se faz necessário a observação dos fatores de risco, como o isolamento social, e a vitimização por pares, pois como pontua Bombonati<sup>19</sup>, diante de conflitos diários, alguns adolescentes optam pelo silêncio, incapazes de se comunicar efetivamente. Sem ferramentas para lidar com os outros, eles se voltam para dentro, buscando refúgio em si mesmos, o que pode resultar em violência autoprovocada como forma de expressão ou alívio emocional.

Destarte, a inter-relação entre os referidos microsistemas serão essenciais na luta pela prevenção às violências, pois um ambiente escolar positivo, relações positivas com amigos, familiares e professores constituem importantes fatores de prevenção. Em conclusão, o mesossistema família-escola é um fator determinante na saúde e no desenvolvimento do adolescente. Uma relação harmoniosa e colaborativa entre esses dois ambientes pode proporcionar um suporte sólido para o jovem enfrentar os desafios da adolescência e se preparar para a vida adulta.

### **Exossistema: o impacto do trabalho**

O exossistema, refere-se aos ambientes que influenciam indiretamente o desenvolvimento da pessoa,

mesmo que ela não participe ativamente deles, abrangendo, portanto, estruturas formais e informais que, embora não contenha diretamente a pessoa em desenvolvimento, exercem influência sobre o que ocorre em ambiente mais próximo, como por exemplo, a família extensa, as condições e as experiências de trabalho dos adultos e da família, as amizades e a vizinhança<sup>17</sup>.

Nesse sentido, a ocupação profissional dos pais é um aspecto importante a ser analisado, pela influência na saúde física e mental de crianças e adolescentes. Seguindo tal lógica, as condições de trabalho como longas jornadas, instabilidade empregatícia, estresse e alta vulnerabilidade ocupacional, podem ser fatores de risco para o comportamento autolesivo do filho adolescente, pelos impactos dessas condições sobre as famílias e pela influência que a profissão tem dentro e fora de casa<sup>32</sup>. Como exemplo de fatores de risco associados ao exossistema, citamos o trabalho do policial, que pode influenciar o comportamento dos filhos.

De acordo com Paixão<sup>33</sup>, o trabalho do policial militar é considerado um dos que geram mais estresse e desgaste, pela associação da atividade aos sentimentos de medo em seus filhos, violência doméstica e outras violências; que se relacionam a transtornos psiquiátricos graves e comórbidos nos filhos, incluindo o comportamento autodestrutivo.

Segundo Oliveira e Faiman<sup>32</sup>, a exposição aos riscos inerentes à profissão e à violência tem repercussões importantes na forma como os policiais estabelecem e mantêm os laços sociais, os relacionamentos, a inserção na comunidade e o contato com a família. De fato, as características do trabalho policial e do impacto deste tipo de ocupação sobre as famílias, abre um campo de estudo voltado para ampliar a compreensão sobre a exposição dos filhos de policiais a fatores de risco decorrentes da ocupação do(a) genitor(a), que possam afetar o seu desenvolvimento.

Considerando o impacto do estresse ocupacional e da exaustão física relacionadas ao trabalho policial sobre a relação parental, é possível inferir que o estresse do trabalho influencia diretamente a interação familiar, e que combinados a outros fatores sociodemográficos (baixa renda familiar, condições

de moradia, por exemplo), tendem a reduzir a qualidade de interação com os filhos<sup>33</sup>.

Em contrapartida, a satisfação com as relações familiares, suporte emocional familiar, e a coesão familiar, evita a autodesvalorização, o isolamento e pensamentos destrutivos, fomentando um sentimento de valor próprio, autoestima e competências positivas, diminuindo a probabilidade do adolescente se envolver em comportamentos autolesivos. Entretanto, alterações de comportamento familiar, associadas às situações de estresse envolvendo o policial, comprometem o diálogo e potencializam o medo e por isso, os cuidados em saúde mental e tratamento em situações de estresse ocupacional, podem ser estratégias preventivas de impacto positivo inclusive, no que tange a autolesão<sup>33</sup>.

Outros fatores de risco relacionados ao exossistema incluem uma rede de apoio social inadequada; a falta de recursos e infraestrutura; políticas públicas ineficientes; influência negativa das redes sociais; e um sistema de saúde inacessível. Por isso, no caso de filhos de policiais que se autolesionam, é de suma importância ponderar que políticas de prevenção à saúde mental desses profissionais da segurança precisam estar articuladas com as demais redes de cuidados, considerando um olhar integralizado que consiga alcançar a amplitude de todas as suas relações proximais, incluindo a identificação e encaminhamentos de filhos que apresentem transtornos para evitar consequências mais graves.

### **Macrossistema: o estigma da saúde mental**

O macrossistema é composto por elementos da cultura em que uma pessoa está imersa, afetando todos os outros sistemas. Isso inclui os valores culturais, as crenças e as ideologias que permeiam a existência das diversas culturas, e que são vivenciadas e assimiladas no decorrer do processo de desenvolvimento<sup>18</sup>.

Apesar de ser o maior dos subsistemas, pode ser observado na intimidade do indivíduo, nos seus comportamentos e nas suas formas de intervir e se relacionar no microsistema. Para Bronfenbrenner<sup>18</sup>, diz respeito ao conjunto de valores e crenças que sustentam as diferenças culturais e que geram, no indivíduo, o sentimento de pertença a determinado grupo.

De acordo com Polleto e Koller<sup>17</sup>, o macrosistema é o sistema mais remoto em relação à pessoa e engloba a comunidade na qual os outros três sistemas estão inseridos, influenciando-os (como estereótipos e preconceitos de determinadas sociedades, crises econômicas graves em países e a globalização).

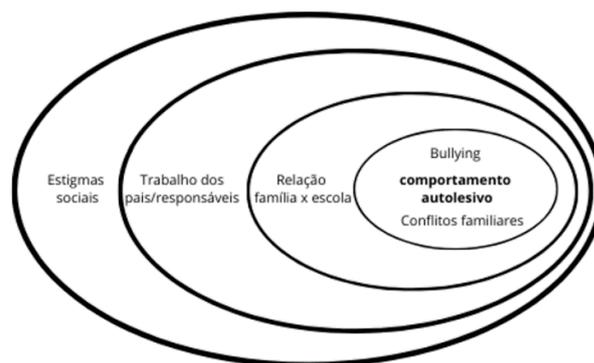
Logo, convém observar que o contexto cultural e social mais amplo também impacta os comportamentos autolesivos de adolescentes, visto que tal comportamento se configura como uma condição que traz estigmas àqueles que a praticam. Portanto, como um fator de risco, cabe citar a estigmatização da saúde mental, tendo em vista que muitas vezes, a pessoa que apresenta comportamentos autolesivos e/ou seus familiares se sentem desconfortáveis para registrar a ocorrência da autoagressão.

Nesse sentido, Quesada *et al.*<sup>27</sup>, apontam que trabalhos que ajudem a reduzir o estigma tendem ser úteis para melhorar o registro de casos, por isso oferecer uma escuta sem julgamentos para facilitar o diálogo com o jovem pode se tornar uma estratégia assertiva. Conforme postulado por Moraes *et al.*<sup>4</sup>, é necessário o diálogo livre de preconceitos nas escolas, nos ambientes de saúde e na família, configurando fatores de proteção para evitar essa prática que advém de diversos acontecimentos negativos ao longo da vida.

Em suma, o estigma relacionado à saúde mental, baseado em equívocos como a associação de transtornos mentais à periculosidade ou à incapacidade, dificulta a busca por tratamento e perpetua a discriminação. Para combater esse estigma, é fundamental promover informações adequadas sobre saúde mental, incentivar o contato direto ou indireto com grupos estigmatizados, bem como realizar práticas educativas em escolas, locais de trabalho e na mídia. A divulgação adequada de informações nos meios de comunicação também é essencial para desmistificar os transtornos mentais e sensibilizar a sociedade, ajudando a melhorar a compreensão e o apoio a pessoas com condições psicológicas<sup>27</sup>.

A Figura 1 sintetiza os conceitos discutidos, apresentando uma representação visual dos fatores de risco e proteção associados aos comportamentos autolesivos, estruturada conforme o modelo ecológico de Bronfenbrenner.

**FIGURA 1.** Sistemas ecológicos: fatores de risco e proteção



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Conforme apresentado na Figura 1, o microsistema engloba as relações imediatas do adolescente, como família e escola; o mesossistema representa as interações entre microsistemas, como a relação família-escola; o exossistema inclui ambientes indiretos, como o trabalho dos pais e o macrosistema abrange aspectos culturais e sociais mais amplos que influenciam as atitudes em relação à autolesão, como os estigmas que giram em torno da saúde mental. Esta ilustração elucidada a complexa interação entre os diversos sistemas que influenciam o desenvolvimento e a manifestação desses comportamentos, desde o ambiente imediato do indivíduo até os contextos socioculturais mais amplos.

## CONCLUSÃO

Este estudo buscou compreender o fenômeno da autolesão em adolescentes através da lente da teoria bioecológica de Bronfenbrenner, explorando os fatores de risco e proteção nos diversos níveis ecológicos. A análise reflexiva dos resultados revela a complexidade e a multidimensionalidade deste fenômeno, evidenciando a interconexão entre os sistemas micro, meso, exo e macrosistêmicos na vida dos adolescentes.

A investigação destaca como as relações familiares, o ambiente escolar, as políticas públicas e os valores culturais se entrelaçam, influenciando o comportamento autolesivo. Foi observado que fatores de risco dos diferentes níveis ecológicos, como conflitos familiares e *bullying* (micro); relação famí-

lia-escola (meso); efeitos negativos referentes aos trabalhos dos pais (exo); e estigma cultural (macro) interagem com fatores de proteção, como coesão familiar; colaboração entre família e escola; políticas mais abrangentes e apoio social, em um delicado equilíbrio que molda a experiência do adolescente.

A análise crítica do processo de pesquisa revela que a interpretação dos dados foi inevitavelmente influenciada pelo contexto cultural e acadêmico da autora, evidenciando a importância da reflexividade na produção do conhecimento científico. Esta constatação ressalta a necessidade de reconhecer e ponderar sobre as influências subjetivas que permeiam o trabalho investigativo, enriquecendo assim a compreensão dos resultados obtidos. Esta consciência leva a considerar a importância de uma abordagem culturalmente sensível ao estudar a autolesão em adolescentes, especialmente no contexto latino-americano, onde fatores socioculturais específicos podem desempenhar um papel significativo.

As implicações desta pesquisa apontam para a necessidade de intervenções holísticas que abordem simultaneamente múltiplos níveis ecológicos. Programas de prevenção e tratamento devem considerar não apenas o indivíduo, mas também seu ambiente familiar, escolar e comunitário, bem como o contexto sociocultural mais amplo.

Ciente das limitações inerentes a este estudo, os autores destacam a natureza interpretativa da análise e a especificidade do contexto examinado. Diante disso, sugere-se que investigações futuras aprofundem a compreensão das variações culturais na manifestação e percepção da autolesão e explorem intervenções fundamentadas em abordagens ecológicas. Esta proposta visa ampliar o escopo do conhecimento na área, promovendo uma compreensão mais abrangente e culturalmente sensível do fenômeno estudado.

Em conclusão, estas reflexões reforçam a importância de uma abordagem contextualizada e multisistêmica para compreender e abordar a autolesão em adolescentes. Ao reconhecer a complexidade das interações entre os diversos níveis ecológicos, pode-se desenvolver estratégias mais eficazes de prevenção e intervenção, promovendo o bem-estar integral dos adolescentes em seus diversos con-

textos de vida. Por fim, espera-se que este trabalho possa ser útil no que tange a análise do comportamento de autolesão em adolescentes pelo viés biopsicossocial de maneira que sirva de subsídio para intervenções preventivas.

## REFERÊNCIAS

1. Guerreiro DF, Sampaio D. Comportamentos autolesivos em adolescentes: uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*. Julho de 2013;31(2):213–22. Disponível em: doi: 10.1016/j.rpsp.2013.05.001.
2. Sifuentes TR, Dessen MA, Oliveira MCSLD. Desenvolvimento humano: desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. *Psicol Teor Pesq*. Dezembro de 2007;23(4):379–85.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamentos de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. *Viva: instrutivo notificação de violência interpessoal e autoprovocada*. 2.ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2016.
4. Moraes DX, Moreira ÉDS, Sousa JM, Vale RRMD, Pinho ES, Dias PCDS, et al. “The pen is the blade, my skin the paper”: risk factors for self-injury in adolescents. *Rev Bras Enferm*. 2020;73(suppl 1):e20200578.
5. Silva AC, Botti NCL. Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: revisão integrativa da literatura. *RPESM*. 2017;(18).
6. Cedaro JJ, Nascimento JPGD. Dor e Gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações. *Psicol USP*. Agosto de 2013;24(2):203–23.
7. Almeida RS. A prática da automutilação na adolescência: o olhar da psicologia escolar/educacional. *CGHS UNIT-AL*. 22 de maio de 2018;4(3):147.
8. Silva EPDQ, Santos SP. Práticas de ensino, pesquisa e extensão no âmbito do GPECS: problematizando corpos, gêneros, sexualidades e educação escolar. *R.P.E.S.M*. 30 de maio de 2016;4(2).
9. Moreira ÉDS, Vale RRMD, Caixeta CC, Teixeira RAG. Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura. *Ciência saúde coletiva*. Outubro de 2020;25(10):3945–54.
10. Fonseca ACDS, Marin AH. Violência autoprovocada no Brasil: caracterização dos casos notificados entre 2009 e 2021. *PSSA*. 27 de fevereiro de 2023;131–46. DOI: 10.20435/pssa.v14i3.2005.
11. Federici MCMM, Juliano MG, Vasconcelos CL, Pádua FAP, Soares FB, Gouvêa ARD. Perfil epidemiológico da incidência da violência autoprovocada no Brasil de 2018 a 2022. *Braz J Hea Rev*. 23 de julho de 2024;7(4):e71421. Disponível em: DOI:10.34119/bjhrv7n4-136. Acesso em 10 out. 2024.
12. Assis DCMD, Moreira LVDC, Fornasier RC. Teoria bioecológica de Bronfenbrenner: a influência dos processos prox-

- imais no desenvolvimento social das crianças. RSD. 20 de agosto de 2021;10(10):e582101019263.
13. Silveira SBA, et al. Inserção ecológica: metodologia para pesquisar risco e intervir com proteção. *Psicol Educ.* 2009;29(2):57–74.
  14. Bronfenbrenner U. Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed; 2011.
  15. Haddad L. Ecologia do atendimento infantil: construindo um modelo de sistema unificado de cuidado e educação. Tese. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo; 1997. DOI:10.11606/T.48.1997.tde-02122005-101723.
  16. Cecconello AM. Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco. Tese. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS; 2003.
  17. Poletto M, Koller SH. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estud psicol (Campinas)*. Setembro de 2008;25(3):405–16.
  18. Bronfenbrenner U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artmed; 1996.
  19. Bombonati ACC. Automutilação entre adolescentes: uma análise sociológica no ambiente escolar rural e o caso Girassol. Dissertação. Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Juazeiro, BA; 2020.
  20. Gomes HS. Educação para família: uma proposta de trabalho preventivo. *J Hum Growth Dev.* 19 de junho de 1994;4(1).
  21. Cecconello AM, Koller SH. Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicol Reflex Crit.* 2003;16(3):515–24.
  22. Sousa MDGDM, Lima LHDO, Mascarenhas MDM, et al. Contexto familiar e sofrimento mental em adolescentes: uma revisão integrativa. *RPESM.* 30 de junho de 2022;(27):140–57.
  23. Arbuthnott AE, Lewis SP. Parents of youth who self-injure: a review of the literature and implications for mental health professionals. *Child Adolesc Psychiatry Ment Health.* Dezembro de 2015;9(1):35.
  24. Santo MADS, Dell'Aglio DD. Self-injury in adolescence from the bioecological perspective of human development. *Psicol Teor Pesq.* 2022;24(1).
  25. Silva CML. Bullying e depressão no contexto escolar: um estudo psicossociológico. Dissertação. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa; 2010. p.162.
  26. Ferigato E, Souza SMNLD, Estender AC. Fatores do bullying escolar à luz da teoria do ecossistema: uma investigação exploratória. *OLEL.* 21 de novembro de 2024;22(11):e787. DOI: 10.55905/oelv22n11-174.
  27. Quesada AA, et al. Cartilha para prevenção da automutilação e do suicídio: orientações para educadores e profissionais da saúde. Fundação Demócrito Rocha; 2020.
  28. Dessen MA, Polonia ADC. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia (Ribeirão Preto)*. Abril de 2007;17(36):21–32.
  29. Roos MSRD, Truccolo AB. Mesossistema escola-família: impacto no desenvolvimento integral da criança. *R.C.M.N.C.* 10 de agosto de 2021;97–118.
  30. Brito MDLDS, Silva Júnior FJGD, Costa APC, Sales JCES, Gonçalves AMDS, Monteiro CFDS. Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores. *Esc Anna Nery.* 2020;24(4):e20200109.
  31. Lara GD, Saraiva ES, Cossul D. Automutilação na adolescência e vivência escolar: uma revisão integrativa da literatura. *Educ Pesqui.* 2023;49:e249711.
  32. Oliveira TS, Faiman CJS. Ser policial militar: reflexos na vida pessoal e nos relacionamentos. *Rev Psicol Organ Trab.* 2019;19(2):607-615.
  33. Paixão CC. Transtornos psiquiátricos em crianças e adolescentes filhos de policiais militares do Estado do Rio de Janeiro. Dissertação. Arouca, Rio de Janeiro; 2013.

## DECLARAÇÕES

### Contribuição dos autores

Concepção: NOC, EMLMF. Investigação: NOC, DVM, DFS, EMLMF. Metodologia: NOC, DVM, DFS, EMLMF. Coleta de dados: NOC, EMLMF. Tratamento e análise de dados: NOC, DVM, DFS, EMLMF. Redação: NOC, DVM, DFS, EMLMF. Revisão: NOC, DVM, DFS, EMLMF. Aprovação da versão final: NOC, DVM, DFS, EMLMF. Supervisão: EMLMF.

### Agradecimentos

Ao curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Prevenção às Violências, Promoção da Saúde e Cuidado Integral, uma Parceria UFES/SEAD.

### Financiamento

UNAC – 2023. Edital FAPES nº 1223/2022 P 2022-40x90.

### Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

### Aprovação no comitê de ética

Não se aplica.

### Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Dados de pesquisa e outros materiais podem ser obtidos por meio de contato com os autores.

### Editores responsáveis

Carolina Fiorin Anhoque, Blima Fux, Franciéle Marabotti Costa Leite.

### Endereço para correspondência

Faculdade Unida de Vitória, Rua Eng. Fabio Ruschi, 161, Bento Ferreira, Vitória/ES, Brasil, CEP: 29050-670.